

Bancos prevêem volta do crédito

Expectativa é que linhas externas de financiamento sejam reabertas no início do ano que vem

CLEIDE SÁNCHEZ RODRÍGUEZ

A expectativa de executivos do sistema financeiro é de um retorno gradual dos recursos internacionais para o Brasil, depois de assinado o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). O presidente do Unibanco, Fernando Sotelino, responsável pelo banco de atacado, acredita num aumento da disponibilidade de linhas de comércio exterior para o primeiro trimestre do próximo ano.

Também nesse mesmo período o fluxo de recursos destinados às carteiras de ações crescerá e, em algum momento do primeiro semestre de 1999, devem ser retomadas as operações de renda fixa no mercado internacional com lançamento de títulos.

Na opinião de Sotelino, um ponto positivo do pacote foi não obrigar os bancos privados a contribuir para a ajuda financeira. "Essas instituições deverão ajudar de forma voluntária, com o restabelecimento da confiança do Brasil", disse.

O apoio oficial dos organismos internacionais vai acelerar esse processo, acredita Sotelino. O presidente do Unibanco destacou ainda que, conforme o programa de ajuste fiscal for surtindo efeito – naturalmente, se for aprovado –, o governo poderá até rever algumas medidas adotadas temporariamente, que são ineficientes.

O executivo destacou os tributos, em especial a Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF), que, por serem cobrados em cascata, têm impacto no custo.

Sem surpresas – O acordo divulgado ontem não causou surpresas. "O montante dos recursos cobre o total das reservas internacionais perdidas nos úl-



Kawall: "Recursos cobrem o montante das reservas perdidas"

APLICAÇÕES EM AÇÕES DEVERÃO CRESCER

timos três meses, de mais ou menos US\$ 30 bilhões, e ainda sobram US\$ 10 bilhões", observou o economista-chefe do Citibank, Carlos Kawall. Esses recursos ajudarão a

diminuir a aversão pelo risco apresentado pelos países emergentes, incluindo o Brasil.

Essa aversão, segundo o economista, está fundamentada não apenas nas pesadas perdas sofridas pelas instituições financeiras internacionais, mas tem relação com os fundamentos da economia brasileira. Por isso, acredita Kawall, os recursos começarão a voltar depois que surgirem os primeiros sinais de melhora no déficit primário brasileiro.

O economista acredita na retomada mais efetiva das linhas de comércio exterior entre os meses de janeiro e fevereiro, da mesma forma que Sotelino. Para este ano, ele considera pouco provável, por causa dos balanços do último trimestre, "As instituições não querem aumentar o grau de exposição no Brasil".